

Investidor quer ver para crer

Ricardo Leopoldo e

Tina Evaristo

Da equipe do **Correio**

São Paulo — Analistas internacionais em Londres e Nova York manifestaram-se otimistas com o novo acordo firmado entre Brasil e o Fundo Monetário Internacional (-FMI). Para eles, contudo, o governo ainda precisará de no mínimo três meses para convencer os investidores a regressarem ao país, o que somente será obtido com a apresentação da melhoria nas contas públicas do primeiro trimestre.

Charles Blitzer, economista-chefe da área internacional do banco DLJ, mostrou-se muito confiante com os acertos firmados pelo governo. Para ele, o fato de o FMI ter aceito os números de superávit primário (receitas da União menos as despesas) como meta obrigatória mostrou que a instituição tomou uma medida sensata. Normalmente, são cobrados resultados do déficit público nominal, que são as receitas menos gastos incluindo os juros. "É possível controlar o superávit primário, pois os juros não são computados. É uma medida correta, que permite ao governo apresentar uma performance mais exata da evolução fiscal".

Para Ernest Brown, economista-senior do banco Morgan Stanley Dean Witter, o governo marcou um tento ao conseguir do FMI a autorização para usar empréstimos do Fundo no combate a especuladores contra o real. De março a junho, o BC poderá vender US\$ 8 bilhões ao mercado para baixar o câmbio gradativamente.

Em julho, o Banco Central espera que a cotação esteja em R\$ 1,775 ou um pouco mais baixa. O Brasil tem US\$ 34 bilhões de reservas e deverá receber em abril mais US\$ 9 bilhões do pacote de ajuda internacional de US\$ 41,5 bilhões, coordenado por Washington. Brown acha que "esses recursos representam uma munição muito poderosa para o país controlar o câmbio. Armínio Fraga (presidente do BC) é um homem muito preparado e esperto. O mercado sabe que ele vai impor duras derrotas a quem estiver interessado em ver o real caindo para níveis irreais". O governo espera que a cotação do real frente ao dólar baixe para R\$ 1,725 em outubro e chegue a R\$ 1,70 no final de dezembro.

Brown aponta que o país terá que apresentar aos investidores internacionais mais do que um plano fiscal no papel: "Eles desejam ver resultados fiscais nos próximos três meses. Infelizmente, a credibilidade do governo é baixa. Embora o governo esteja empenhado em melhorar as contas públicas, o desempenho fiscal do país ao longo do tempo não é favorável".

DOLOROSO

Para Carlos Novis Guimarães, diretor executivo das operações na América Latina do banco americano Lehman Brothers, as novas metas acertadas entre FMI e Brasil são viáveis. "Tanto o mercado quanto a comunidade financeira internacional acreditam que com força de vontade o País conseguirá atingir os objetivos estabelecidos no documento e alcançar um equilíbrio econômico sustentável", disse Guimarães, reconhecendo que o custo de "arrumar a casa" será doloroso para toda a população brasileira. "Porém, não existe outra saída. São medidas que vão requerer farto apoio da sociedade. Provavelmente a queda de 4% no Produto Interno Bruto (PIB) causará desemprego, mas esse é o preço que tem de ser pago no presente para que o futuro seja melhor", concluiu.